

FERNANDO PIMENTEL, prefeito de BH: "Temos vocação para o meio ambiente"

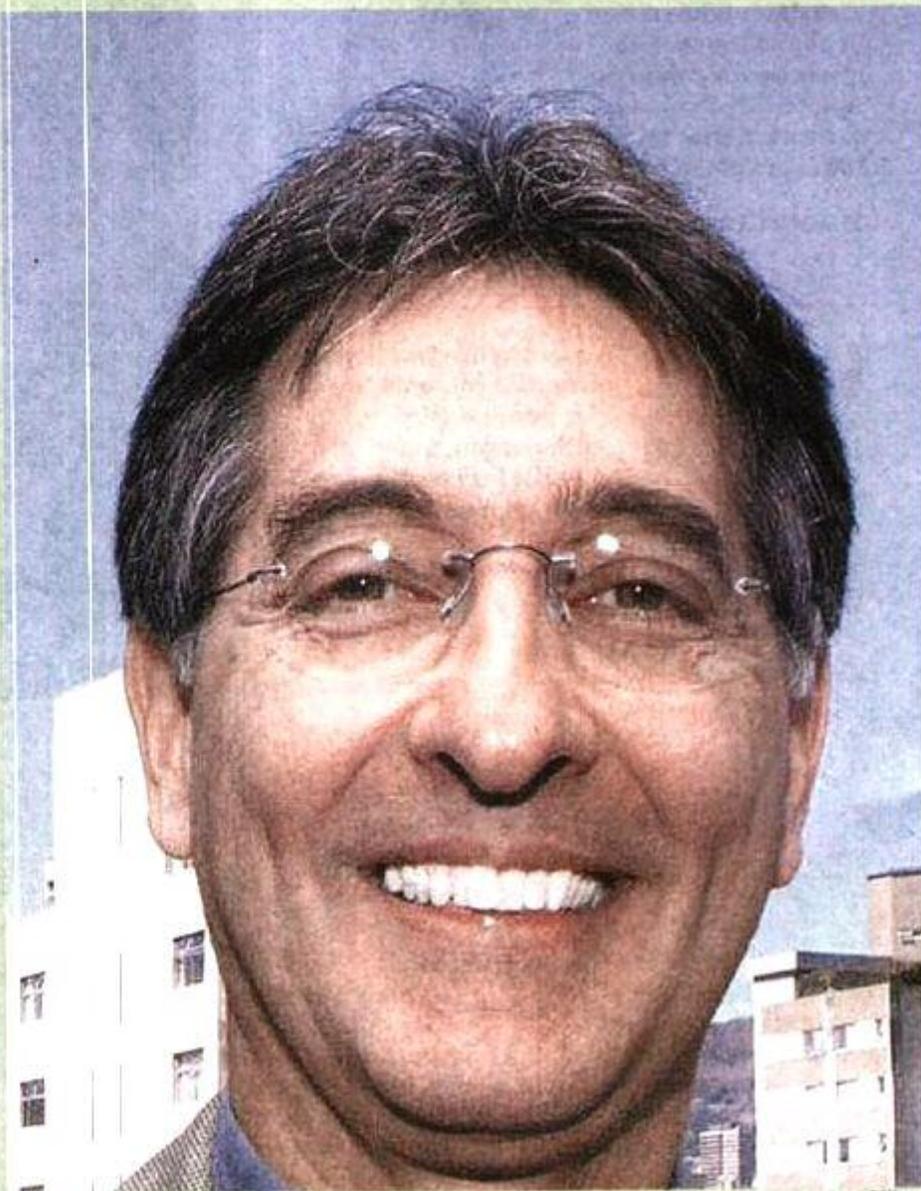


“Temos vocação para o VERDE”

HIRAM FIRMINO

hiramjbeco@terra.com.br

“Belo Horizonte é vocacionada para o meio ambiente, para o verde. Quando, no final do século passado, por decisão política, a cidade foi idealizada para ser a nova capital dos mineiros, ela já nasceu tendo um parque como o seu coração urbano. Isso nos foi emblemático. Depois, nos anos 40, Juscelino Kubitschek repetiu o gesto. Ele refundou a cidade em torno de um lago, a hoje Lagoa da Pampulha, nosso cartão-postal, que estamos recuperando. Isso confirma que a nossa referência urbana, o nosso símbolo de desenvolvimento, não foi uma fábrica, um prédio ou uma estátua. Mas, sim, o verde e a água, que são nossos bens mais preciosos até hoje”. Estas foram as palavras que o prefeito Fernando Damata Pimentel utilizou, com emoção, para receber a ministra Marina Silva, em sua última visita à capital mineira. E esta, a seguir, é a entrevista que ele concedeu à *JB Ecológico*, a propósito de sua administração sediar, pela sexta vez consecutiva, a “Conferência Latino-Americana sobre Meio Ambiente e Responsabilidade Social - ECOLATINA’2006, que irá reunir representantes de 13 países, a partir do próximo dia 18, sobre o tema da questão energética e mudanças climáticas. Economista, 53 anos, casado e pai de dois filhos, Pimentel nasceu em BH, combateu e foi perseguido pela ditadura militar, tendo sido preso nos anos 80. Prefeito desde 2001, é um dos políticos mais fervorosos pelo resgate da auto-estima dos belo-horizontinos à sua cidade.



PIMENTEL: “Sou otimista. Temos muitos motivos para ficar preocupados. Mas também temos sinais de esperança, que precisam ser divulgados e valorizados”

JB ECOLÓGICO - O que significa BH voltar a ser a capital latino-americana do Meio Ambiente e Responsabilidade Social?

FERNANDO PIMENTEL - Que consolidamos um modelo moderno, eficiente e popular de governar. Por meio dos conselhos comunitários e da experiência vitoriosa do Orçamento Participativo, aprendemos a construir, junto com a população, soluções criativas e de consenso para os grandes problemas que afligiam a cidade. Foi assim que retiramos todos os camelôs das ruas e criamos os chamados shoppings populares, onde hoje todos podem trabalhar adequadamente. Também resolvemos o problema do transporte irregular, dos chamados perueiros, que exerciam uma atividade que punha em risco a segurança das pessoas. O forte investimento que fizemos nas políticas públicas para a cultura e o turismo também foi responsável por valorizar a auto-estima do belo-horizontino. A cidade tem recebido eventos nacionais e internacionais de grande porte, como o Encontro de Governadores do BID e o Festival Internacional de Teatro. Sabemos que qualidade de vida também é o prazer de se viver onde se vive.

JB - BH é referência na América Latina no quesito disposição correta do seu lixo. Mas seu principal e premiado aterro sanitário está no final de vida útil. O que o senhor irá fazer?

FP - Estamos buscando construir um novo aterro na Região Metropolitana, já que não temos mais locais disponíveis em nosso município. Ele será comum aos demais municípios, na vizinha Esmeraldas, numa área de 100 hectares, a uma distância de 30 km da capital e com vida útil para 30 anos. Em troca, aquele município também ficará com os créditos de carbono que iremos gerar juntos.

JB - Hoje, 40% do lixo urbano gerado nas grandes cidades brasileiras vêm da construção civil e entopem seus aterros. Este tipo de lixo não poderia virar, antes, algum subproduto e ser empregado pelas prefeituras em obras menores, tipo

"Estimular o transporte movido a biodiesel é um passo importantíssimo. Se as grandes cidades brasileiras seguirem esse exemplo, vamos ter uma redução muito grande da poluição atmosférica. Sem falar na economia de combustível"

pavimentação de ruas na periferia?

FP - A solução é esta mesmo. Belo Horizonte, que produz quatro mil toneladas de lixo por dia, é pioneira na reciclagem dos resíduos gerados pela construção civil. Temos atualmente três usinas de reciclagem de entulho. A primeira foi inaugurada há 11 anos. O material obtido é usado pela prefeitura como base e sub-base para a cobertura asfáltica de vias públicas, na fabricação de meios-fios, blocos e tijolos. Somos a primeira capital do Brasil e uma das poucas do mundo a ter capacidade instalada para tratar todos os resíduos da construção civil. Tratamos mil toneladas/dia de resíduos sólidos da construção civil. É tudo que a cidade produz.

JB - BH também está implantando seu fórum de mudanças climáticas. Além de áreas verdes, parques e jardins, e do controle da poluição atmosférica que o poder público oferece, que tipo de ação local a população pode contribuir para amenizar o aumento de temperatura ambiente que vem por aí?

FP - A responsabilidade ambiental não é só do poder público. A gente só consegue fazer uma mudança se as pessoas também se sentirem responsáveis pelo seu meio ambiente, pois tudo o que uma fizer de errado ou não fazer afeta não só o direito do outro, mas também as gerações futuras. O nosso grande desafio hoje continua ideológico, de conscientizá-las sobre a adoção de hábitos saudáveis de consu-

mo, evitando, assim, tanto atitudes como produção de bens e resíduos que sejam danosos ao clima do planeta. Isso, a médio e longo prazos, implica tanto grandes como pequenas ações diárias de cidadania e consciência planetária.

JB - Existe alguma ação concreta e com resultados?

FP - Sim. Além de uma campanha permanente de informação neste sentido, nossa cidade tem uma experiência interessante para o país, em termos de educação ambiental e desenvolvimento sustentável, que são os Centros de Vivência Agro-Ecológica (CEVAE), espaços públicos comunitários localizados em regiões de baixa renda, cujo objetivo principal é dar apoio às comunidades urbanas. A população próxima a eles é envolvida em um processo participativo que tem como meta o desenvolvimento local sustentável. Lá são realizadas atividades permanentes que, no seu conjunto, promovem a educação ambiental, a segurança alimentar e a saúde, a agroecologia, capacitação e geração de renda.

JB - Também, a propósito da Ecolatina, cujo tema é energia e mudanças climáticas, BH irá receber o título de "Capital Brasileira do Aquecimento Solar". A que se deve e como o senhor vê isso?

FP - Isso se deve não apenas à excelente e natural exposição solar que o município recebe da sua natureza privilegiada durante quase o ano inteiro, como ao fato de já possuímos dois mil edifícios equipados com sistema central de aquecimento de água por energia solar, contra São Paulo, que só tem 10. Contamos também com o maior simulador solar da América Latina, instalado na PUC-MG e patrocinado pela Eletrobrás, gerando conhecimento e mão-de-obra especializada para o país. Nosso desafio agora é como democratizar e socializar, na forma de energia mais barata e ecologicamente correta, esse bem natural que nos vem do céu. E trabalhar-mos para que outras formas alternativas de energia sejam igualmente acessíveis para a população de baixa renda. Os pré-

dios que hoje usam aquecimento solar, pelo alto custo inicial de implantação do sistema são, em geral, de classe média e alta. Não temos ainda esse sistema difundido nos apartamentos de nossos programas habitacionais. Mas essa é uma meta a ser perseguida. Precisamos ter a participação dos organismos financeiros, como a Caixa Econômica Federal, para que, num futuro próximo, esse seja um parâmetro normal incorporado a todos os projetos de habitação popular no país.

JB - Uma das grandes tarefas a que se propôs a ministra Marina Silva tem sido a difícil "verticalização" da política ambiental nas demais pastas do governo Lula. O que o senhor pensa e tem conseguido no seu governo?

FP - A questão ambiental não pode nunca estar dissociada das questões social e econômica. Por isso, os programas das secretarias de políticas sociais e de políticas urbanas também são sempre elaborados e executados com essa visão e preocupação. Recentemente fizemos um levantamento das ações desenvolvidas por todas as secretarias da prefeitura que têm alguma vinculação com a Agenda 21 global. Identificamos mais de 400 ações e programas que estão ajudando a atingir essa meta. Nessa atual estruturação do organograma da prefeitura, só tem sido possível conseguir esses avanços por conta da ênfase que damos às políticas integradas e intersetoriais. Isso já é realidade em nossa capital.

JB - A quantas anda a manutenção do título de "Cidade Jardim" para uma cidade que tem de cuidar ininterruptamente de seus parques, jardins e canteiros centrais, para não cair no lugar comum do abandono e feiúra urbana que se vê na maioria das cidades do país?

FP - Atualmente, nosso programa de adoção de áreas verdes por empresas e por particulares já conta com 390 participantes. É um número de que nos orgulhamos muito. E ele é resultado de muito trabalho. Na última década, houve um grande esforço da prefeitura, assim como de ambientalistas, de técnicos e da sociedade



PIMENTEL, entre o secretário municipal de Política Urbana e Ambiental, Murilo Valadares, e a ministra Marina Silva, vistoriando as obras da Pampulha

PBH

"A responsabilidade ambiental não é só do poder público. A mudança só acontece se as pessoas também se sentirem responsáveis pelo meio ambiente, pois tudo o que ela fizer de errado afeta não só o direito do outro, mas também as gerações futuras"

em geral, para a ampliação das áreas verdes e a proteção das de interesse ambiental, por meio da criação de legislações específicas, da implantação de parques e praças, do aprimoramento da arborização urbana e da implementação de políticas de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada. Este esforço tem sido recompensado. Até 1993, existiam apenas oito parques implantados. Hoje possuímos 53, distribuídos e mantidos pelas nove regionais da cidade. Considerando essas e outras áreas verdes e de preservação existentes, o município conta com índices de área verde superiores aos 12m² por habitante, que é o padrão internacional.

JB - O mundo inteiro hoje se volta para o exemplo da Alemanha, que está recuperando seus cursos d'água e galerias sanitárias, inclusive descanalizando e desretificando-os para que voltem a ser rios sinuosos novamente. É isso que a sua administração também vem tentando implantar?

FP - Sim. Trata-se do "Drenurbs", um programa que também chamamos de "Saneamento para Todos" e prevê o tratamento de 140 quilômetros de cursos d'água, atingindo 73 córregos, em 48 sub-

bacias hidrográficas no município. O financiamento para a primeira fase da obra, de US\$ 77 milhões, foi obtido junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Pretendemos despoluir todos os nossos cursos d'água e, conseqüentemente, reduzir os riscos de inundação, controlar a produção de sedimentos e a reintegração ecológica deles ao cenário urbano. Cerca de 45% da população da cidade será beneficiada. O custo total do programa, que tem cinco fases, está avaliado em US\$ 230 milhões e reflete uma verdadeira revolução em termos de política pública e envolvimento social no país. Reflete a nossa mudança de pensamento em relação aos cursos d'água, enquanto administradores e cidadãos. Antes, a concepção histórica era de que todo córrego, então poluído, era um canal de esgoto que devia ficar coberto, escondido, longe da vista de todos. Hoje, mudou-se esse conceito. A água tornou-se um bem que precisa ser recuperado, cuidado e mostrado. Quanto mais visível e compartilhado, melhor.

JB - O senhor já revelou que a recuperação ambiental da Pampulha, construída por JK, é a sua menina dos olhos. Agora está recebendo mais R\$ 5,8 milhões, via

ANA, para aplicar neste desafio. O que isso irá acrescentar na esperança histórica da população de ainda ver, um dia, o seu cartão postal totalmente recuperado, tais como os exemplos mundiais do Rio Sena, em Paris, e do Tâmesa, em Londres?

FP - Nós estamos trabalhando na recuperação da Lagoa da Pampulha. Baixamos o nível da água em 1,2 metro para fazer o trabalho de limpeza. Estamos retirando 300 mil metros cúbicos de terra, ou seja, mais ou menos 600 mil toneladas, que vão sair de dentro da lagoa. Com isso, o nível de água da lagoa vai voltar, até o fim do ano, ao patamar de 15 anos atrás. Este é o objetivo desta etapa do trabalho. De 1958 a 1995, o espelho d'água passou de 18 milhões de metros cúbicos para 7,2 milhões. Se nada fosse feito, seu assoreamento completo se daria em 2020. Hoje a prefeitura mantém o volume d'água em aproximadamente nove milhões de metros cúbicos, graças ao trabalho de recuperação que estamos desenvolvendo desde 2001. Nos últimos cinco anos já retiramos cerca de um milhão de m³ de sedimentos e mil toneladas de lixo. É preciso que a população entenda o seguinte: a lagoa recebe um trabalho permanente de desassoreamento e limpeza. Acontece que ela é alimentada por córregos que nascem e são poluídos fora do nosso município, especialmente em Contagem. Eles já vêm poluídos de lá. Até por isso, hoje contamos também com a participação da prefeitura daquele município, que já se comprometeu a fazer intervenções na área afetada da bacia que está em sua região, principalmente de interceptação de seus esgotos humanos e industriais.

JB - Que futuro o senhor vislumbra para o planeta, mais particularmente para a América Latina e o Brasil, diante da realidade que nos defronta atualmente?

FP - Os governantes do mundo inteiro estão diante de uma enorme responsabilidade. O planeta enfrenta problemas muito sérios como o aquecimento global, a super poluição, as ameaças constantes à biodiversidade e até a um dos recursos mais essenciais para a nossa existência,



CASA DO BAILE: vista para a maior lagoa artificial urbana em recuperação do país

MARCÍLIO GAZZINELLI/ACERVO BELOTUR

"Antes, a concepção histórica era de que todo córrego, então poluído, era um canal de esgoto que devia ficar coberto, escondido, longe da vista de todos. Hoje, mudou-se esse conceito. A água tornou-se um bem que precisa ser recuperado, cuidado e mostrado"

que é a água. Estes problemas estão colocando em risco o próprio futuro das novas gerações. Curiosamente, esta realidade vai chegar bem mais rápido do que a gente imagina. Podemos tomar algumas medidas muito concretas para contribuir para um futuro melhor para todos. Uma delas, especialmente para o Brasil e para a América Latina, é o investimento em fontes alternativas de energia. Acho que estimular o transporte movido a biodiesel é um passo importantíssimo. Se as grandes cidades brasileiras seguirem esse exemplo, vamos ter uma redução muito grande da poluição atmosférica. Sem falar na economia de combustível, porque deixaremos de gastar petróleo, que é um combustível não-renovável, para gastar óleo vegetal, que é o biodiesel, substituindo-o por um combustível verde, renovável.

JB - Que mundo o senhor, como petista histórico e administrador de uma metrópole concebida como "Cidade Jardim" do país, à semelhança poética, construtiva e paisagística de Paris, espera deixar para os seus filhos e netos?

FP - Uma cidade mais humana, mais justa e fraterna. As cidades são feitas das relações que as pessoas estabelecem entre

elas. Belo Horizonte, hoje, de acordo com um estudo divulgado recentemente pela Fundação Getúlio Vargas, é a região metropolitana brasileira com a melhor distribuição de renda do país. Isto me deixa muito feliz. O investimento que fazemos na melhoria das condições de vida dos bairros mais pobres da capital é enorme. Estamos tratando todos os córregos da cidade, legalizando a propriedade dos imóveis de quem vive nas vilas e nas favelas, urbanizando as áreas mais carentes e eliminando as áreas de risco. Tudo isto contribui para que, no futuro, a cidade seja mais feliz, onde as pessoas possam conviver melhor, porque as diferenças não serão mais tão agressivas. Ao lado disso, espero deixar uma cidade mais bonita, mais alegre, mais verde. Estamos revitalizando totalmente o conjunto paisagístico e arquitetônico da Pampulha, um dos nossos cartões postais. Criamos a Fundação de Parques Municipais e o Projeto "Adote o Verde", onde as empresas ajudam a prefeitura a cuidar da natureza. Enfim, eu sou otimista. E acredito que, se temos muitos motivos para ficar preocupados, também temos alguns sinais de esperança, que precisam ser divulgados e valorizados. ■